

A TERCEIRA MARGEM DA POÉTICA DE CLARICE

Renata Tavares

Uma vírgula nos lança, inesperadamente, em nossa condição: o desejo violento, a incapacidade de ação, a dúvida; a frase começada com letra minúscula, assim como o já não poder escolher estar aqui e ter em si as dores do mundo. Assim começa o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector: como um susto que nos joga na vida vazia e medíocre da personagem Lóri.

Essa vida vazia e a transformação trazida pela paixão por Ulisses formam a linha que conduz o romance: trilhas de dor, embate e descoberta, que culminarão na aprendizagem de uma vivência mais verdadeira e humana, a experiência autêntica do prazer e da liberdade que há em ser, no entre de uma vida fugidia e maravilhosa.

Como interpretar uma obra como essa? Os passos da transformação de Lóri nos transformam. A maneira insípida como sente a vida nos incomoda, mais do que seria plausível. O silêncio, muito além de tema ou personagem de um diálogo interior, se coloca, do início ao fim, de maneira concreta, como se saltasse do livro e existisse no peso dentro do peito de quem lê. Diante da dor de Lóri, nós também nos desarmamos. E a palavra “intimista”, frequentemente usada para descrever Clarice, talvez seja ainda muito determinada para dizer o que realmente acontece em seus livros: o envolvimento necessário do leitor, o espanto diante das questões que emergem, cruas e transparentes demais para dizer respeito apenas ao indivíduo, ao acaso, ou à pessoa de Clarice.

A literatura de Clarice, de fato, tem o “íntimo” como cenário. Mas o que é isso, mais propriamente? É preciso perguntar, pois, de outro modo, a palavra torna-se rótulo e o rótulo faz a interpretação passar simplesmente ao largo da obra. Afinal, não há nada de fortuito na “tendência” de um autor. É nessa e por essa tendência que se dá a escolha de cada palavra, a construção de cada cena e de cada imagem. Nela se constitui sua poética, que tem o incrível poder de pôr em obra o que há

de mais humano no homem, as suas questões mais essenciais, decisivas em seu viver.

No caso de Clarice, podemos dizer que o questionamento existencial é uma espécie de matéria-prima. Em todas as suas obras, sobressaem não apenas dúvidas comuns à nossa existência, mas o sentimento diante dessa dúvida. Podemos fazer aqui uma aproximação com o que Heidegger denomina angústia, isto é, saber-se um ser liminar, perpassado pelo Nada, no “entre” ser e não-ser, e, conseqüentemente, tomado pelo silêncio fundamental da realidade enquanto esse “entre”. É patente nos personagens de Clarice a concreta constatação do silêncio da vida em relação às perguntas mais essenciais e uma enorme dor que a acompanha, assim como a própria intensidade dos acontecimentos, que sempre atingem de maneira fundamental e transformam de maneira cabal o processo de realização de vida de cada personagem.

O questionamento que Clarice realiza não tem poucas conseqüências. Constatar esse silêncio tem sido uma das mais graves tarefas da filosofia do último século. Ela traz consigo o difícil trabalho de rever toda a relação do homem com a tradição do pensamento metafísico e científico, tocando primordialmente em nossas arraigadas crenças sobre a verdade, o fundamento do mundo e o conhecimento como previsão e controle do homem sobre o real.

Em *O que é metafísica?*, Heidegger diz: “A ciência nada quer saber do nada” (1973, p. 234). Na atitude científica, conceitual, do pensamento da técnica, das certezas e do cálculo, furtamo-nos ao silêncio e esquecemos que o ser é questão em aberto e manifestação no tempo. Mas, considera o filósofo, nós, cotidianamente, nos referimos à palavra nada. O que é essa palavra? Por que ela nos assedia a todo tempo, em nossa existência diária?

A posição de Heidegger é a de que nós efetivamente conhecemos o nada. Estamos cotidianamente imersos nele, do mesmo modo que o estamos na totalidade do ente. Ainda que não possamos representar nem uma coisa nem outra, há disposições de humor (*Stimmungen*) que os revelam claramente. Podemos chamar essas disposições de humor de *páthos*. O tédio, que nos mergulha numa bruma de estar entre os entes somente, ou a alegria da presença de um ser querido

revelam-nos a totalidade do ente. Já o *páthos* que manifesta o nada é a angústia.

Lóri é tomada pela angústia, porque é eroticamente arrastada para um encontro com um outro ser. Mas não sabe o que fazer desse desejo, pois ele lhe tira o controle que um dia ela pensara ter, e questiona os pressupostos que lhe permitiam passar pela vida de maneira ausente, para não sofrer. Para amar, precisava passar pela queda humana, pelo reconhecimento de sua condição humana, onde o nada é presença cotidiana:

Através de seus graves defeitos – que um dia ela talvez pudesse mencionar sem se vangloriar – é que chegara agora a poder amar. Até aquela glorificação: ela amava o Nada. A consciência de sua permanente queda humana a levava ao amor do Nada. E aquelas quedas, como as de Cristo que várias vezes caiu ao peso da cruz – e aquelas quedas é que começavam a fazer sua vida. Talvez fossem os seus “apesar de”, Ulisses dissera, cheios de angústia, e desentendimento de si própria, a estivessem levando a construir pouco a pouco uma vida. Com pedras de material ruim ela levantava talvez o horror, e aceitava o mistério de com horror amar ao Deus desconhecido. Não sabia o que fazer de si própria, já nascida, senão isto: Tu, ó Deus, que eu amo como quem cai no nada (Lispector, 1998, p. 27).

A poética de Clarice, na via inversa do que faz toda a tradição conceitual, considera e faz do nada uma presença iniludível. Somos obrigados a prestar atenção ao que nunca ouvimos: o silêncio, o vazio, a ausência da qual e na qual nós mesmos nos constituímos. Podemos falar, assim, em Clarice, de uma poética de proximidade do mistério. Suas imagens-questões, sempre envolvidas no tom do pensamento e sentimento das personagens não se resumem a abusar, como estilo, de nuances psicológicas, mas o que fazem, mais primordialmente, é colocar-nos diante da realidade do ser e não ser dessas personagens. O horizonte do que não são está sempre presente num desconhecimento patente ou latente de si próprias, na possibilidade da descoberta, no desentendimento do mundo, num jogo de ocultamento e revelação. Poeticamente, Clarice põe manifesto o que se cala em toda fala, pois lembra-nos, a todo momento e em toda imagem, do “e”.

O “e” do fato de o ser humano ser o tempo todo vida *e* morte, o *e* em que nada pode ser definitivo. No *e* de prazer *e* dor, de amor *e* ódio, de atração *e* retração, de dia *e* noite, vivemos. E este verbo viver precisa ter toda a carga e todo o peso da humanidade com sua história e com suas descobertas, afinal tão ínfimas diante de seu mistério.

Por isso, a imagem do que Lóri é no início do romance e a sua possibilidade de transformação ao longo da obra constituem um diálogo riquíssimo com a tradição do pensamento ocidental. Lóri é a mulher presa e crestada na secura de um viver que não a satisfaz: um viver rico em condições materiais, em que há trabalho, há o que chama de liberdade, há algum afeto, há respostas bem planejadas e bem confortáveis, enfim, há o que Lóri ou qualquer ser humano poderia desejar. Mas, oprimidos pela perspectiva de que deveríamos encontrar todas as respostas, como Lóri desejaria, temos medo da não resposta. Temos medo do silêncio que a todo tempo nos acossa, apesar de todo o nosso conforto. Como imagem-questão, Lóri é o ser humano lutando para manter-se calmo e numa espécie de “zona de conforto”, enquanto seu coração grita, sua alma pede, sua vida aparece como uma dor imensa e inexplicável.

A partir dessa imagem do indivíduo que não toma para si a tarefa de constituir-se como ser humano, o romance constrói três diálogos: entre Lóri e Ulisses, dos dois consigo mesmos e, numa dimensão mais profunda, de cada um deles com o silêncio que nos faz essencialmente questões. Isso implica, de maneira extremamente provocadora, um diálogo no leitor: nós mesmos somos confrontados com o silêncio que grita na dor de Lóri, e que sussurra na voz irritantemente calma de Ulisses. E é Ulisses mesmo que faz uma belíssima apresentação desse tema, o quanto nós não ouvimos o silêncio que nos constitui:

Mas olhe para todos ao seu redor e veja o que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia. Não temos amado, acima de todas as coisas. Não temos aceitado o que não se entende porque não queremos passar por tolos. Temos amontoado coisas e seguranças por não nos termos um ao outro. Não temos nenhuma alegria que já não tenha sido catalogada. Temos construído catedrais, e ficado do lado de fora, porque as catedrais que nós mesmos construímos, tememos que sejam armadilhas. Não nos temos entregue a nós mesmos pois isso seria

o começo de uma vida larga e nós a tememos. [...] Temos mantido em silêncio a nossa morte para tornar nossa vida possível (*Ibidem*, p. 48).

Amar, aceitar o que não se entende e se entregar são uma profunda oposição a nossos atos comuns, como amontoar coisas, catalogar, construir, fugir, temer. Essa oposição os une, pois estamos jogados na necessidade de amar que tanto tememos, ao desejo insaciável de uma vida larga que não temos coragem de abraçar. E por que não temos? Há uma história de decisões, há um destino do pensamento, há uma ideia primordial de que o real é apenas o utilizável, e que o próprio humano é apenas disponibilidade para fins definidos (Heidegger, 2001).

Movemo-nos já por palavras vazias, tradições que foram perdendo, a cada século, o vigor, a vida do movimento da palavra, e se deixando esconder por uma montanha de poeira e cinza, em nome dos poderes e das verdades que os garantissem. A automatização não é algo que está apenas nas máquinas, mas também nos toma, a nós, seres voltados exclusivamente para a preocupação da produtividade. A distância de nós mesmos é, em grande medida, apenas um medo criado, sob os interesses sempre de alguns, que pretendem gozar das vantagens sobre a capacidade de trabalho dos demais. A lógica da exploração e da dominação é muito clara e explica em grande medida como viemos parar num tempo de tanta distância. Este tempo nada mais é do que consequência da história da dominação e des-humanização que sempre serviu ao estabelecimento de vantagens; nada mais é do que a exacerbação e radicalização dessa história, que agora dá mostras de sua insustentabilidade.

Lóri, educada nos moldes e valores dessa cultura tradicional, sente o tempo todo o gosto da “água ruim”¹, que são os prazeres falsos de uma vida pouco autêntica. Tem o comportamento de uma mulher medíocre em suas ações e desejos, que tenta deixar aflorar sua feminilidade e se encontrar, mas parece sempre descompassada consigo. Não sabe vestir-se ou maquiarse, a não ser apelando para uma vulgar paixão dos sentidos. Parece tentar compactuar com uma vida aquém da vida, calando o que no peito diz que há uma fruta melhor e mais saborosa, uma experiência de vida com mais sentido e beleza: “Ulisses acenara-lhe com a possibilidade futura de por exemplo embelezar uma fruteira” (*Ibidem*,

p. 13), coisa que não sabia fazer – trazer beleza à vida simples e cotidiana. Mas ela não consegue nem calar esse desejo, nem abrir-se a essa nova experiência. Deseja Ulisses, num desejo que não deixa alternativas, e se desespera por precisar dele. Mas, ao mesmo tempo, sabe que está muito longe dele e de considerar-se pronta para dormir com ele. Sabe que se move por esse desejo, mas não encontra em si a capacidade de sair do sofrimento para ser uma mulher mais pronta.

“A vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre” (*Ibidem*, p. 32), diz Clarice. E completa: “a mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.” Essas duas afirmações expressam a questão central do romance, a questão central que nem Lóri nem cada um de nós, como indivíduos que apoiam suas vidas em verdades fundamentais, queremos enxergar. Por não querermos enxergar, também não temos coragem de perguntar o que é essa dor, a dor do mistério e do abismo que nos toma, apesar de todas as nossas tentativas de fuga.

Talvez seja esta a dimensão do silêncio de Berna, que Clarice descreve em sua carta a Ulisses: silêncio não de um lugar, mas de sua própria existência. Estar no silêncio de Berna é, de maneira muito angustiada, tocar o grave e crucial da condição humana, o que não se deixa dizer em palavras tampouco aquieta. Aqui não há ainda entrega, mas uma luta humana muito dura: a necessidade de viver e de ser, que ao mesmo tempo em que é afirmativa de prazer e alegria, só pode se dar na presença do desconhecido e da morte como horizonte. Isto significa: “a dor de não ter futuro senão o de continuar existindo” (*Ibidem*, p. 70), a ausência de respostas que dói no corpo quando é reconhecida, a morte das justificativas, das teorias que explicam o homem por fora, mas nunca nos preenchem por dentro. É quando não temos outra coisa senão dizer: “É tão vasta a noite na montanha, tão despovoada” (*Ibidem*, p. 36).

Talvez se queira pensar que esses momentos não passam de impressões subjetivas, que não interessam enquanto conhecimento válido. Ou, ainda, que além de subjetivos, não passem de momentos raros e desligados de nossas vidas, como fantasias. Mas não. Esses momentos somos nós, a humanidade de hoje, tão ausente do próprio silêncio, tão distantes uns homens dos outros, como as noites despovoadas das montanhas.

Sentir a dor desse silêncio – “Viver na orla da morte e das estrelas é vibração mais tensa do que as veias podem suportar” (*Ibidem*, p. 38) – é como subitamente respirar uma grave ausência de sentido e perder todas as esperanças. “Pode-se depressa pensar no dia que passou. Ou nos amigos que passaram e para sempre se perderam. Mas é inútil esquivar-se: há o silêncio” (*Ibidem*, p. 37). E, finalmente, saber que, apesar de termos caminhado por um longo tempo, crendo na possibilidade de todas as respostas, realmente não há outra coisa senão o silêncio: “Mas há um momento em que do corpo todo descansado se ergue o espírito atento e da Terra e da Lua. Então ele, o silêncio, aparece. E o coração bate ao reconhecê-lo: pois ele é o de dentro da gente” (*Idem*).

É desta maneira que entendemos a colocação de Heidegger sobre o nada: o nada se revela na angústia, mas não enquanto ente, tampouco como objeto. “Na angústia se manifesta um retroceder diante de, que sem dúvida não é mais uma fuga, mas uma quietude fascinada” (*Ibidem*, p. 237). E é nessa quietude fascinada que Lóri entrará, para a descoberta do viver.

Somente à base da originária revelação do nada pode o ser-aí do homem chegar ao ente, e nele entrar. Na medida em que o ser-aí se refere, de acordo com sua essência, ao ente que ele próprio é, procede já sempre como tal ser-aí, do nada revelado (Heidegger, 1973, p. 239).

É o que não sabemos que constitui o apelo do pensar, assim como o que não somos constitui o apelo do ser. Só podemos compreender a obra de Clarice se tivermos a sutileza de ver (como Ulisses, “que sabia ver a beleza tão recôndita que um ser vulgar não poderia”) (*Ibidem*, p. 27), justamente, sob a camada de pó de mediocridade, uma mulher inconquistada e inalcançável, não só para si, mas para os outros e para o mundo. “Ela vivia de um estreitamento no peito: a vida” (*Ibidem*, p. 40). Esse estreitamento, doloroso, feito de silêncio, é o apelo que Lóri ouve. E esse apelo chama para aquilo que nós ainda não somos, mas nos é dado ser. É o silêncio das questões primordiais que nos faz perguntar: o que somos? Qual o sentido de ser o que somos? É esse silêncio que nos traz a questão do *télos*, antiga palavra grega surgida na aurora da

filosofia, que queria dizer a plenitude de uma realização, o realizar até o sumo uma determinada natureza.

Permitindo-se aos poucos, ao longo do diálogo com Ulisses, dar ouvidos ao seu próprio silêncio, Lóri vai se aproximando cada vez mais da questão da sua própria plenitude, de seu *télos* enquanto ser humano e mulher.

Por isso a paixão por Ulisses já não pode mais ser entendida como aquelas que ela já havia tido. Ela tenta, em diversas passagens, uma ligação com Ulisses parecida com a que ela faria dentro do “sistema de uma pessoa totalmente só”. Faltava aos encontros sem lhe avisar nada, tentando convencer a si mesma que não precisava dele. Ou como no dia em que Ulisses fora à sua casa para dissuadir o homem que a esperava: Lóri de camisola curta e transparente convida-o para entrar. Ulisses para, fica no limiar, e recusa a proposta.

Ela precisa se ouvir. Precisa ouvir o próprio silêncio. E precisa se transformar. Não sabe em quê, nem como. Não sabe o que pede esse homem que, de maneira arrasadora, toma a sua vida. A pessoa que ela era já não é capaz de amá-lo como ele pede, como essa experiência exige dela. Ela sofre e foge, mas também não consegue calar essa necessidade dele, talvez porque já não possa mais, justamente, fingir e calar a paixão de viver. Essa paixão de viver já não diz algo definido, pois como definir vida, para sabermos o que é paixão por vida? A partir da experiência de Lóri, já não podemos mais dizer o que é paixão. Que paixão é essa entre Lóri e Ulisses que já não satisfaz os cânones de uma relação amorosa como costumamos entender? O que Ulisses quer de Lóri? Ou será que a pergunta não seria: o que a paixão quer dos dois? De cada um de nós?

Lóri começa a perceber que a paixão por Ulisses não é uma paixão que ela tem, mas a paixão que ela é. A relação entre eles nos leva pelo caminho de um silêncio que nos diz: a seriedade da questão do amor se encontra no fato de ela ser radicalmente dada a nós como uma questão de ser.

Sabemos que a questão do sentido e da verdade do ser é a grande questão da filosofia de Heidegger. Mas, para compreendê-la, a primeira coisa que temos que saber é que ela não é uma pergunta teórico-conceitual, que nasce de uma espécie de reflexão isenta e imparcial, que

imaginamos que os filósofos alcancem. A pergunta expressa o nosso ser tomado, o nosso *páthos*, a nossa dor. Nas palavras de Lóri:

Mas à ideia de que a paciência de Ulisses se esgotaria, a mão subiu-lhe à garganta tentando estancar uma angústia parecida com a que sentia quando se perguntava “quem sou eu? quem é Ulisses? quem são as pessoas?” (*Ibidem*, p. 18).

A dor se faz em nós quando perguntamos as perguntas mais cotidianas: o que sou? O que quero ser? Qual é o sentido do meu agir? O que amo? O que é amar?

Clarice nos joga no abismo dessa questão com *Uma aprendizagem*, pois nos abre a um horizonte de amor que nos diz ser, e de ser que nos diz amor. Lóri e Ulisses buscam ser o que eles são, e nessa busca, sim, encontram amor. Quando buscam amor, só o encontram em ser propriamente o que são. Uma coisa não se revela sem a outra. Os personagens são, enquanto questões, aprendizagem de que só podemos amar no horizonte do ser, e que só podemos ser no horizonte do amor, entendendo aqui ser como a tensão do ser e do não ser, e do ser e do Nada, e entendendo amor com toda a sua “contextura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos outros contraditórios” (*Ibidem*, p. 48).

Lóri e Ulisses não fazem outra coisa senão conquistar a si mesmos, e, no auge dessa conquista, encontrar o que há de mais essencialmente humano: a escuta do silêncio que os leva à liberdade de ser. Só na liberdade de ser experienciam o que de fato é o amor.

Pois assim como não podemos dizer que a questão do ser seja uma questão teórico-filosófica com uma resposta a ser encontrada em algum lugar, também a resposta de Lóri e Ulisses é impossível. Ela é o próprio impossível, que só podemos, afinal, passar a vida a buscar, vivendo. A dor de cada página, o silêncio de cada página, falam a nossa vida de procura, que não cessa nunca, enquanto somos vida.

Abrir-se à escuta do impossível, do invisível, do extra-ordinário, do *télos*, tal é a única tarefa que Lóri precisa se dispor a cumprir. Ela não tem nada de fácil. Mas, aos poucos, o ódio de Lóri, que era a imensa resistência a todo esse apelo, começa a se desfazer. Como se aos poucos se preparasse para iniciar-se numa nova vida.

Um vislumbre dessa nova vida havia se dado na imagem de Ulisses na piscina. Lóri sentira ali “um primeiro passo assustador para alguma coisa” (*Ibidem*, p. 70). É quando, desarmada, como uma criança “em encantamento pelas cores orientais do Sol que desenhava figuras góticas nas sombras” (*Idem*), se dá conta da beleza de Ulisses; da beleza que havia em Ulisses apenas por ser um homem, e existir nele uma calma virilidade. Lóri descobre “o sublime no trivial, o invisível sob o tangível” (*Idem*). E é como se de repente descobrisse

que a sua capacidade de descobrir os segredos da vida natural ainda estivesse intacta. E desarmada também pela leve angústia que lhe veio ao sentir que podia descobrir outros segredos, talvez um mortal (*Ibidem*, p. 71).

Descobrir o sublime sob o trivial, o extraordinário em uma experiência ordinária é, sem dúvida, uma experiencição de felicidade. De repente, nessa experiencição, Lóri estranha a si mesma. Não está mais no fulcro da dor. Está apenas vivendo um momento em plena presença. Nesse estranhamento, pode dizer, encantada, humilde, e pela primeira vez: “estou sendo”.

“Estou sendo”, diz Lóri. “Estou sendo”, diz Ulisses. Nisso, há um encontro. Porque o estar sendo não é mais banal, como fazemos parecer todos os dias. Dois seres humanos se encontram quando se encontram no humano, e o humano é presença, vigor do entre-ser.² O entre nunca se apresenta como banal, ao contrário, toda banalidade o esconde. Toda tentativa de conter a dor desse entre tende simplesmente a diminuir a ambiguidade, tornar tudo conhecido e planejado. E, na maravilhosa riqueza da realidade que se dá, nada é simplesmente plano e sem vigor. A realidade é, como diz Heráclito, *phýsis* que se oferece e se vela, e isso é extraordinário a cada segundo.

Lóri vai descobrindo que esse prazer é real, assim como era real a sua dor. Cada vez vai se sentindo com mais coragem de realizar a entrega à vida, a rendição à possibilidade do prazer simples e gratuito, a uma nova estação, uma primavera, rica em vida, em cores, em possibilidades. Lóri encontrava nela mesma, na própria vida que antes só conseguia ver como um fardo infinito e doloroso, algo já muito diferente:

Muito antes de vir a nova estação já havia o prenúncio: inesperadamente uma tepidez de vento, as primeiras doçuras do ar. Impossível! Impossível que esta doçura de ar não traga outras! diz o coração se quebrando.

Impossível! diz em eco a mornidão ainda tão mordente e fresca da primavera. Impossível que esse ar não traga o amor do mundo! Repete o coração que parte sua secura crestada num sorriso. E nem sequer reconhece que já o trouxe, que aquilo é um amor. Esse primeiro calor ainda fresco trazia: tudo. Apenas isso, e indiviso: tudo (*Ibidem*, p. 114).

Seu coração, a vida que pulsa em seu peito, não era mais como lama seca. E para sua surpresa, aquilo era amor! Porque se havia buscado amor, antes, havia buscado onde ele não estava, em um coração que não se dá à vida. Agora experienciava a doçura de se dar como amor, que é como a vida se dando como primavera. “E que ela não se esquecesse, naquela sua fina luta travada, que o mais difícil de se entender era a alegria. Que ela não se esquecesse que a subida mais escarpada e mais à mercê dos ventos era sorrir de alegria” (*Ibidem*, p. 115).

A alegria que Lóri vive não é aquela dos clubes e salões, onde “sorrisos do que não sorriríamos se estivéssemos sozinhos”. Não é a alegria daquele que se negou à dor. Ao contrário, é alegria daquele que mergulhou na vida como se mergulha no mar gelado, sem medo do abismo que é ser um ser humano. Não é a alegria que virá depois, no mundo da eternidade, na compensação pelo sofrimento. E não é, afinal, a alegria que se buscou: é a alegria que se recebeu de graça, que se deixou ser no corpo a própria Natureza, a vida que pulsa, o extraordinário sob o ordinário.

Descobrir que cada dia é sempre extraordinário e que a nós cabe sofrê-lo ou ter prazer nele é a grande conquista, a delicada conquista, capaz de derrubar os alicerces de todo um mundo que há tempos nos faz habituados à vida como sofrimento necessário. É com isto que o pensamento hoje se defronta: este sentir que o desconhecido do mundo e que o devir da realidade sejam afinal o que nos preenche, não o que nos faz temer. Este sentir que se pode não compreender, e nisto obter uma compreensão ainda mais profunda e verdadeira. Este saber que o mistério insondável da vida foi disfarçado por muito tempo, mas a farsa não mais se sustenta.

O caminho de pro-curas trouxe Lóri a romper com a solidão, a encontrar a si mesma num contato profundo com a realidade, com Ulisses e com o silêncio. Lóri encontrava não os limites de si mesma enquanto indivíduo, o que lhe serviria para se definir e se guardar, mas uma liberdade de se saber humana, ser indefinível, ter o ilimitado dentro de si.

E então:

O amor por Ulisses veio como uma onda que ela tivesse podido controlar até então. Mas de repente ela não queria mais controlar.

E quando notou que aceitava em pleno o amor, sua alegria foi tão grande que o coração lhe batia por todo o corpo, parecia-lhe que mil corações batiam-lhe nas profundezas de sua pessoa. Um direito-de-ser tomou-a, como se ela tivesse acabado de chorar ao nascer. Como? Como prolongar o nascimento para a vida toda? (*Ibidem*, p. 128).

No momento em que não pôde mais controlar a vida que pulsava em seu peito, o *páthos*, a paixão de viver plenamente como humana, Lóri nascia para si mesma, descobria a própria existência com uma alegria de quem nasce para um infinito de possibilidades. Mil corações batiam-lhe nas profundezas de sua pessoa: ser humana não era um pequeno mundo de dores, era a possibilidade de um infinito de realizações, era uma abertura para a grandeza inesgotável do silêncio e do mistério. E só aí se dará o verdadeiro encontro amoroso com Ulisses, de corpo e alma, inteiramente conquistada.

O romance havia começado com uma vírgula e terminará em dois pontos. E este é o seu ápice: o silêncio em que Clarice nos deixa, perdidos, plenos da dor/amor de viver. O silêncio que nos leva, junto com Lóri e Ulisses, a tocar o ponto crucial de nossa condição: a pressentir e desejar profundamente que se dê o humano como liberdade.

Notas

¹ “Porque nela a busca do prazer, nas vezes que tentara, lhe tinha sido água ruim: colava a boca e sentia a bica enferrujada, de onde escorriam dois ou três pingos de água amornada: era a água seca” (Lispector, 1998, p. 104).

² Tradução original de Manuel Antônio de Castro para o termo heideggeriano *Dasein* (Cf.: Heidegger, 2007).

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. Manuel Antônio de Castro e Idalina Azevedo. Lisboa: Ed. 70, 2010.

_____. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *O que é metafísica?* São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. “Os pensadores”.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Resumo

Interpretando o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, vemos como nele se tece um pensamento cuidadoso da angústia humana, marcado pela tensão de “ser entre”. Essa tensão é essencialmente dolorosa, pois a todo momento retira qualquer possibilidade de fundamento. Ainda assim, a poética de Clarice oferece como via de felicidade a conquista do próprio. Na descoberta incessante da simplicidade da vida pelo diálogo, o amor deixa de ser subjetivo e é reconduzido às suas fontes mais silenciosas.

Palavras-chave

Clarice Lispector; diálogo; amor; angústia; silêncio.

Recebido para publicação em
23/11/2009

Abstract

Interpreting the novel *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, by Clarice Lispector, we see how it is woven a careful thought on human angst, marked by the tension of “being between”. This tension is essentially painful, because it takes away, at each moment, any possibility of a ground. Still, Clarice’s poetics offers, as a way of happiness, the conquer of the self. In the constant discovery of the simplicity of life through dialogue, love is no longer subjective and is brought back to its most silent springs.

Keywords

Clarice Lispector; dialogue; love; angst; silence.

Aceito em
29/01/2010

